

REVISTA DA SOCIEDADE PHENIX LITTERARIA

SUMMARIO. — Revista da Sociedade Phenix Litteraria. — O progresso das idéas. — Currante calamo. — De onde venho e para onde vou. — Cavaco philosophico-litterario. — Poesia: Philosophia do beijo — Chronica.

Revista da Sociedade Phenix Litteraria

Completa hoje a *Revista* o 1º anno de sua existencia, e, animada pela protecção que encontrou da parte do publico e da de seus dignos collegas da imprensa, prepara-se para entrar no segundo.

Órgão de uma sociedade composta de moços sobre os quaes pesam deveres e estudos mais sérios — a *Revista* é uma verdadeira filha das *Horas vagas*. D'ahi, talvez, a fraqueza com que os seus colaboradores trataram de assuntos que reclamam aprofundado estudo; d'ahi, talvez, a circunstancia de não termos satisfeito a expectativa do publico e de nossos dignos consocios.

Seja como for; termina hoje o nosso mandato, e nada mais nos resta do que agradecer as provas de benevolencia que nos dispensaram e pedir desculpa das faltas em que porventura tenhamos incorrido.

Rio, 31 de Dezembro de 1878.

A REDACÇÃO.

O progresso das idéas

(CONTINUACAO DO N. 11)

A civilisação antiga desperta da noite cahotica, embuçada n'uma tunica de crenças absurdas e de ficções grosseiras. E uma virgem que traz sobre as espaldas uma pelle de animal feroz.

Como a tragedia grega, ella desenrola-se num theatro immenso, tosco e pittoresco, e caminha com um interesse cada vez mais crescente para um desenlace fatal e commovente. Sua marcha é umas vezes lenta, outras rapida; mas sempre gradativa e solemne. O seu protagonista athletico, colossal ou olympico, chama-se a humanidade.

O quadro maravilhoso que nos apresentam as duas primeiras phases da civilisação primitiva, tem proporções gigantescas; por isso procuraremos reduzil-o, limitando-o à esfera de dois vultos imponentes: Moysés e Homero. O primeiro escreveu um livro phantastico e sublime; o segundo, uma epopéa — prefacio do drama historico. O *Genesis* é um sonho pavoroso, durante o qual os homens ignorantes e ingenuos lutão com uma natureza inhospita e inculta; a *Iliada* é um mytho soberbo de poesia; é ahi que as nações, rudes ainda, aparecem de joelhos em presença dos deuses que povoam o Olympo. Em summa, Moysés é um nevóeiro, Homero é uma alvorada. Mais tarde, enfim, surge a aurora; os povos emigram e emprehendem a colonisacão do globo. Herodoto começa a escrever a historia.

Entretanto as idéas vão-se desenvolvendo pouco a pouco e transformando á medida que a civilisação progride. A idéa religiosa parece ter nascido com o primeiro homem. O fetichismo é a sua expressão primitiva; o polytheismo que o substituiu, atesta um progresso sobre elle. O homem começou por contemplar e adorar a natureza; só depois é que elevou-se gradualmente pelo pensamento ao culto de idéias cada vez mais abstractas.

O instincto social fez o abandonar successivamente a solidão da floresta, a tenda do pastor, a cabana isolada do agricultor, pelo tumulto do povoado, onde sens costumes selvagens se amenisaram e suas ideias se alargaram no commerçio com os outros homens. Assim, a familia

dilata-se e chama-se tribo; as tribus agrupam-se, tornam-se solidarias e constituem os estados. Examinemos agora a organização destes diferentes nucleos sociaes.

O chefe da familia converte-se em chefe da tribo; este transforma-se em tyranno.

A religião, simples prece na familia, passando para a tribo, toma uma forma externa — o rito, cujo ceremonial ainda aumenta, tornando-se ella religião do estado; esta precisa agora de um templo e de levitas. Ao lado do rei está portanto o pontifice; ao lado da coroa, a tiara; ao lado do trono, o altar.

As leis, à principio simples ordenanças, faceis de reter, seriam então fracas garantias da ordem e da propriedade, cuja esphera vai augmentando, se não fossem gravadas em taboas ou scriptas em papyro.

D'este modo o despotismo religioso e civil, a primitiva forma de governo, transporta-se da familia para a tribo, e d'esta para o estado. Em uma palavra, o baculo e o sceptro dominam a sociedade antiga. Acha-se pois cavado o abyssmo entre o povo e a aristocracia governante, entre o fraco e forte, entre o opprimido e o oppressor. D'ahi as guerras intestinas, d'ahi as revoluções.

Tal deve ter sido a progressão ascendente das idéas, consideradas especialmente sob o ponto de vista moral e social. Todavia, seria um grave erro historico acreditar-se no rigor e na fatalidade das leis do progresso, como acontece com as leis physicas ou mathematicas.

A humanidade caminhou em todos os tempos, é verdade; mas como uma machina, cujas rodas possuem velocidades desiguais. Com effeito, muitas civilisações coexistiam nos seus diversos graos de adiantamento. O selvagem errava através das florestas virgens, ao mesmo tempo que a fumaça do tugurio elevava-se por sobre a seára da campina; as ruínas de Palmyra, as muralhas de Babylonie e as pyramides do Egypto não estavão longe do deserto, onde branquejava durante a noite o bivac da caravana nomade. E' um facto que actualmente ainda se reproduz.

Isto, porém, foi dito de passagem. Continuemos.

As nações antigas, tendo por base, como acabamos de ver, a religião e uma legislacão imperfeita, vivião juxtapostas; eram forças desagregadas que procuravam combater-se e destruir-se reciprocamente. Pois a religião e os principios de justica, variando com os paizes, em vez

de serem um elemento fraternisador e organico, um laco de amizade para os povos, procuravam separal-os ainda mais, tornando-os fanaticos e inimigos. D'ahi a guerra de conquista, causa principal do engrandecimento d'estas nações e do seu desmoronamento posterior. A religião ainda fez mais; firmou o principio da desigualdade social, sagrando o tyranno sobre o throno, lançando sobre a fronte do prisioneiro o estigma da escravidão e rebaixando a mulher ao estado de machine de fabricar cidadãos para a patria. No apogeo d'esta civilisação, não havia solidariedade entre todas as nações. O estrangeiro era simplesmente um barbaro. E verdade que o *civis romanus sum* podia ser considerado como um cosmopolita ou antes como o prologo do indigenato universal. Havia immensa desigualdade entre as fortunas: ao lado de Creso, o hilota; ao lado de Lucullo, o proletario. O trabalho, fonte de toda a industria e riqueza, era despresado e confiado á mãos escravas.

O progresso intellectual, sob o ponto de vista artístico e litterario, era enorme. A sciencia, a não ser as especulações philosophicas, estava, porém, em estado embryonario.

Não podemos terminar a nossa analyse imperfeita da civilisação antiga, sem dizer duas palavras sobre a patria de Homero.

A Grecia é o paiz das idéas por excellencia; é a terra classicæ do bello; é a patria do genio nas artes liberaes, na philosophia e na poesia. A religião, o clima e o céo da Grecia de uma pureza admiravel, contribuirão poderosamente para isso. A sua litteratura e a sua lingua são modelos de gosto e de perfeição. Os monumentos que d'ella nos restam, grandiosas creações do genio humano, atestam altamente o estado muito adiantado de sua civilisação.

O movimento intellectual era immenso na Grecia; d'ahi partia toda a iniciativa. A idéa democratica, comquanto imperfeita, teve por berço este solo abençoado. Seus philosophos, pensadores profundos, pregavam idéas já algum tanto liberaes, e entreviram de alguma sorte as grandes verdades do christianismo. Os gregos muitas vezes foram injustos para com seus eminentes concidadãos. Entre outros, accusaram Socrates de ter pervertido a mocidade, ensinando-lhe uma doutrina infensa à religião do estado. Este grande philosopho,

digno predecessor de Christo, bebe a cicuta com calma e serenidade, e expira nos braços de seus discípulos, martyr de uma idéa sublime. O seu crime era ter sonhado com a religião christã. E' a primeira perseguição que sofre a idéa. O povo grego, amante de sua liberdade, soube sempre dar o exemplo do mais bello patriotismo. De ordinario, servia-se da guerra para a defesa do territorio patrio, até o dia em que perdera a sua nacionalidade, vencido nobremente na luta contra o sabre romano.

No seculo actual, tres poetas visitaram a Grecia; Byron, Lamartine e Chateaubriand. Lamartine, para meditar sobre suas ruinas sagradas; Chateaubriand buscava inspirações nas margens do Eurotas, para depois cantal-as nos seus *Martyres*; Byron, finalmente, para morrer por essa nova patria, entoando um hymo à liberdade.

RODOLPHO PAO BRASIL.

(Continua)

Currente calamo

(PALAVRAS)

Pascal, o philosopho profundo, o investigador incansavel, devassando com o telescopio da critica o céo tenebroso do passado, observou um phenomeno natural, descobrin um facto. Era o phenomeno social, era o facto da evolução.

E' elle proprio quem nol-o affirma: *De la vient que par une prerogative particulière non seulement chacun des hommes s'avance de jour en jour dans les sciences, mais que tous les hommes ensemble y font un continual progrès à mesure que l'univers vieillit parce que la même chose arrive dans la succession des hommes que dans les ages différents d'un particulière.*

Era a primeira palavra de uma grande revolução. Um facto: a marcha da humanidade.

Tinham sido accumulados os materiaes. Havia um alicerce, alicerce profundo, base larga onde se devia erguer um edificio de granito. Era a sciencia da Historia. A phi-

losophia moderna, só ella podia constituir a grande, a vasta, a complicada sciencia social,

A Historia tinha leis. Onde? No desconhecido. Eram as leis sepultadas sob o tumulo das geracões cahidas sob o peso da esmagadora mão do tempo. Essas leis jaziam occultas pelo véo espesso que occultava cioso os tempos priscos. Essas leis estavam mergulhadas na profundezas insondáveis do globo. Quem as conhecia? Ninguem.

E essas leis eram uma realidade. Deviam surgir um dia. Como? Digamola. Por si mesmas, pelo facto de existirem.

O astronomo tinha avassalado já as regiões desconhecidas do infinito, e com o poderoso instrumento descobrira as leis que regulam o movimento dos grandes corpos. O physico conhecera as leis da materia, estudando no silencio do seu gabinete, experimentando. O chimico vira com o auxilio poderoso da retorta constituir-se a materia, assistira ás reacções dos corpos.

Era a evolução mental, a organização das sciencias.

Depois a Historia devia observar tambem. Observou, investigou. Revolveu as ruinas todas do passado.

E que viu? Qual o fructo de suas indagações minuciosas e prescrutações incansaveis?

Achou occulto sob as camadas terrestres o machado bruto do homem primitivo, do homem pre-historico, anterior ao Genesis. Descobriu as inscrições misteriosas das pyramydes do Egypto, e os caracteres illegiveis traçados sobre os tumulos dos reis assyrios.

Tinha a estatua de Chefren, a pyramide de Seqqarah, e o papyro de Buloq.

Era um passo. O sabio investiga infatigavel. E quando Champollion lê os hyeroglyphos egypcios, Eugenio Burnouf decifra as inscrições enigmáticas dos tumulos de Dario e Xerxes. E o archeologo firme em suas indagações cavava incessante o seio da terra, esse deposito do segredo das geracões passadas, e ia descobrir as ossadas fosseis, sepultadas pelas revoluções telluricas lentas e demoradas, que occultavam as geracões.

O archeologo achara no interior do globo terraqueo, o signal necessario do homem primevo, e afirmara a existencia do homem da caverna. Era a sciencia protestando contra o Eden. Antes do Adão fabricado pela mão de Deus da theologia, o sabio conhecera o homem primitivo lutando

com os monstruosos elephantes, servindo-se da arma bruta e natural, a pedra.

E' a primeira idade. A archeologia affirma a existencia da evolução: é a segunda idade.

A pedra polida significa um progresso na industria.

Depois temos os instrumentos de bronze, que são o attes-tado de um progresso trazido pela evolução lenta das idades, e finalmente os instrumentos de ferro.

E' com estes elementos que se constitue a sciencia da historia, que é a observação no campo dos phenomenos da sociedade humana, na phrase de Theophilo Braga.

E' essa a grande Historia só constituida nos tempos modernos.

Cessou de ser o que era. Não vai apanhar o homem no atelier de Deus. Reciou além impellida pela descoberta da sciencia.

O historiador foi até o Olympo sagrado dos Vedas; conheceu do culto dos indous prostrados ante os seus deuses, as forças da natureza, *Agni*, o fogo, *Ap*, as aguas, *Surya*, o sol.

Estas descobertas constituiram a Historia. Escutemos o escriptor portuguez, o illustrado philosopho: « Nem somente o criterio scientifico da Historia se elevou no seculo XIX à altura de uma concepção da qual dependem a melhor comprehensão dos problemas sociais, e os meios de realizar a maior somma do progresso, tirando das instituições do passado o impulso transformador para a evolução actual; os documentos da archeologia prehistorica e da ethnografia, das linguas, religiões e literaturas primitivas vieram neste mesmo seculo depor perante a razão moderna o estado da vida e da consciencia do homem primitivo. (Theophilo Braga, Hist. Univ. pag. 10).

E' com estes multiplos elementos trazidos por todas as sciencias que se constitui a sciencia dos phenomenos sociais. Affirma-se a lei.

E as grandes revoluções, a organização e queda dos grandes imperios, a constituição das nacionalidades e das religiões são factos regidos pela evolução.

Do fetichismo grosseiro e primitivo, o espirito humano, por um desenvolvimento das facultades intellectuaes, passa para o polytheismo, e deste, por um progresso maior ainda, para o domínio do Deus uno trazido pela nova phase à que attingira a humanidade.

Antes do Ormuzd do Boudismo ha os denses multiplos do

Rig-Veda, celebrados nos 1028 hymnos da Biblia indiana. ¹⁰³⁰
Rig-Veda, celebrado, ¹⁰³⁰
E nesta evolução começa-se à ver um progresso natural, e
quasi uma necessidade logica. (Max. Muller. Hist. das Re-
ligiões.)

As doutrinas pregadas pelo philosopho nazareno deviam necessariamente surgir, attento o estado à que attingira o espírito humano na evolução social.

E quando Jupiter, o grande Jupiter tonante, descia do Olympo com todo o seu cortejo numeroso de deuses, não era uma retirada desastrada e vergonhosa. Era um facto natural e dentro da lei. Jupiter devia ceder o lugar ao novo Deus, à nova providencia, à grande unidade religiosa concebida pela razão humana.

No mundo politico a lei social explica o como Roma, o grande Imperio, cahe um dia e vem dar lugar à organização dos pequenos estados, sob o impulso dos barbaros. E' o vasto periodo da idade media.

Cessava o periodo das grandes guerras de conquistas, e começava o domínio do feudalismo com a guerra defensiva. A idade media tem dois elementos. Nascem e se diluem simultaneamente : o christianismo e o feudalismo.

A historia, a grande historia positiva, como a escreveu Augusto Comte, explica a desagregação e ruina natural desses elementos da civilisação.

Primeiro é a dissolução espontânea, depois systematica: o termo do periodo theologico e militar sucedido pelo periodo científico, positivo e industrial. E' o carácter da civilisação moderna : a sciencia e a industria.

São os dois grandes titãs da civilisação, na phrase de Bazalgete. A civilisação moderna condemna a guerra. No seculo actual ella existe como uma monstruosidade. E' assim que a grande potencia do Czar cahe sob a Turquia de Midat-Pachá. E' em nome da religião e do christianismo. E' em nome do principio altamente perigoso da unificação das raças historicas.

A guerra existe, mas como uma excrescência hedionda.

A opinião condemna a Inglaterra que ameaça esmagar o emir de Kaboul, Cher-Ali.

O que faz a guerra é o egoísmo das nações. A guerra não tem razão de ser.

E o Congresso Internacional das sociedades de paz votou, entre outras, esta resolução, que é a aspiração do se-

culo: «é dever dos governos e dos povos procurar resolver as questões, por outros meios que não sejam a guerra, meios concorrentes à razão, à justiça e à religião.»

LAURO SODRÉ.

De onde venho e para onde vou

(conclusão)

IV

TRIBUNAL DA CONSCIENCIA

Lá na encosta da montanha zumbia lindo beija-flôr, esvoaçando em torno dos arbustos e adejando de ramo em ramo, de flôr em flôr; de repente desprende o vôo e vem pousar sobre o homem do mancebo; este fica surprezo, e contempla admirado, a graciosa avesinha, que fita o sem espanto; o mancebo quer agarral-a, ella desprende o vôo, vae pousar adiante, volve-se e olha para elle; depois, vôa de novo, e novamente vem lhe pousar sobre o homem; maior é o assombro do joven, que enche-se de pavôr, e indeciso quer descobrir a causa d'essa insistencia; o galante beija-flôr demora-se algum tempo, vôa de novo, vae alem, volta e mais uma vez vem pousar no homem do joven; comprehende então que deve acompanhar a formosa avesinha; põe-se de pé e caminha; o beija-flôr segue na frente, pousando de quando em quando, aqui e alem, e sempre olhando para traz certifica-se de que é acompanhado; finalmente penetra por uma fenda do rochedo; tendo largura bastante, o joven tambem entra; por algum tempo tateia nas trevas; de repente fica deslumbrado, tanta era a luz que o offuscava! Permanece cego e quasi sem sentidos por alguns segundos; depois, principia a respirar aromas deliciosos, perfumes nunca vistos!

Ouve uma melodia, um canto angelico, uma voz que não era humana, e que assim lhe diz:

«Mancebo quem vos trouxe aqui?»

Só então saiu da lethargia em que se achava, e viu

torho: estava n'uma gruta encantadora; os stallactites eram brilhantes — scintillavam, illuminavam; em sua frente se elevava primoroso e rico throno de porphyro; sobre elle trez nymphas se sentavam; eram puras como a innocencia, bellas como a aurora; seus cabellos, raios de luz suave, esvoacavam ao perpassar da brisa perfumosa; seus olhos eram diamantes — faiscavam; a da direita tinha na mão uma estrella — era o sol d'aquelle mundo; a da esquerda sustinha uma balança de marfim; a do centro tinha a candida fronte recostada sobre a mão — meditava.

Foi esta, quem lhe fallara, e elle assim lhe respondeu:
« Guiou-me este lindo beija-flôr. »

« Ah! A Esperança?... Sejas bem vindo! Bemditos aquelles que acompanham a filha predilecta de Deus! Muito deves ter soffrido! vinde a mim, senta-te a meu lado, repousa a fronte no meu seio, conta-me as tuas maguas, talvez encontres alivio á tua dôr! »

O joven obdecen, subio os degráos do throno, sentou-se a seus pés, e reclinou a fronte sobre aquele casto e angelico seio. A deidade depoz um carinhoso beijo em sua pallida fronte e disse: « Conta-me o que soffres. »

« Ah! Eu soffro muito! Desgraça tremenda me acabrunha! Tinha a alma candida e pura, o coração repleto de crenças e sentimentos nobres, a mente cheia de pensamentos elevados, idéas gigantescas; sonhava um futuro grandioso, e cercado de illusões; atravessei o mundo da Realidade: foi medonho o que vi! A Experiencia só me mostrou a miseria, a corrupção e a desenvoltura! A Scienzia ainda foi mais cruel: arrancou-me de uma só vez o coração, dilacerando, uma por uma, todas as suas fibras e atirando-o ao pó!

« Destruiram todas as minhas esperanças, todas as minhas illusões, todas as minhas crenças, todos os meus sentimentos!

« Disseram-me que a Virtude era um sacrificio inutil e muitas vezes prejudicial; que a Verdade nem sempre apparece; que a Justica nem sempre se faz; que a Consciencia é varia como o pensamento; que os pobres, miseraveis, desgraçados, opprimidos, que injustamente tiverem soffrido sobre a terra (os escravos, por exemplo, e tantos outros martyres) jamais encontrarião justica por não existir um Deus! »

« Oh! E' incrivel!... Realmente tens soffrido muito!

Mas, descansa e espera. A Sciencia labora em erro; a Experiencia observa mal. Descansa e espera; vou mandar chamal-as perante o meu tribunal, e as farei reconhecer o seu erro. »

« E quem sois, Oh! divindade, para teres tanto poder?! »

« Eu sou a Consciencia; esta, que vês á minha direita, tendo na mão uma estrella, é minha irmã—a Verdade; esta outra, que sustém uma balanca é minha irmã—a Justica; nós tres constituimos o tribunal da Consciencia; ides vêr comparecer perante elle a Sciencia e a Experiencia. Eu interrogo, a Verdade mostra a gravidade do erro e a Justica dá a sentença.

« Meditação, ide; trazei-me a Sciencia e a Experiencia.»

Surgiu entao, de um recanto da gruta, onde se achava retirada e contemplativa, uma fada celestial, que, obedecendo á voz da Consciencia, atravessou a gruta e saiu.

Passado algum tempo, voltou a Meditação trazendo a Sciencia e a Experiencia perante o tribunal da Consciencia.

Disse a Consciencia: « Sentae-vos e ouvi-me; tremenda accusação pesa sobre vós.»

As duas accusadas sentaram-se sobre dois stalagmites, uma de um lado outra de outro.

Toma a palayra a Consciencia:

« Experiencia, és responsavel por todos os desvios da mocidade, porque, tu que és velha e a quem compete guial-a, em vez do caminho da virtude, ensinas lhe o do vicio; em vez da honradez e probidade, prégas o aviltamento, a devassidão e a hypocrisia; em vez de amor ao trabalho, aconselhas a ociosidade e os prazeres mundanos; defend-te.»

A Experiencia: Consciencia, eu não procuro o damno da mocidade, pelo contrario, quero sua felicidade; como a Sciencia diz, que não ha outra vida além desta, que a felicidade d'alem tumulo é uma illusão, que a justica da terra é fallivel e a do céo um sonho apenas, eu aconselho a mocidade que procure desfructar a vida, e sem demora porque esta é curta; para isso é preciso não perder tempo na escolha de meios. Como vejo a virtude sempre servindo de embargo aos prazeres, e sempre desprestigiada aqui na terra, mando a mocidade que fuja della; se eu tivesse como certa a justica d'alem tumulo, aconselharia a mocidade o ser virtuosa, mesmo com sacrificio, porque não vale apena trocar um goso passageiro por um goso eterno: como vés, se erro, é por culpa da Sciencia.»

Diz a Justiça: « Tens razão ; a maior culpa recae sobre a Scienzia. »

A Consciencia interroga: « Scienzia, reflecte bem nos danos causados por tua doutrina. Se não ha outra vida além desta, se não existe um Juizo Supremo, dizei-me a quem entregaes a balança da Justiça ? Aos tribunais humanos repletos de erros e crimes ? A historia cheia de contradicções e falsidades ?

Sonhas talvez com uma futura historia, que não conteha erro. Mas, primeiramente esta historia é de confecção difficilima, ou antes impossivel; em segundo lugar, a historia não pôde penetrar em todos os arcanos, os reconditos dos corações estarão sempre fóra de seu alcance ; os factos remotos vão cada vez mais empallegendo, até que ficarão completamente esquecidos, occultar-se-hão na noite dos tempos, e a historia não os poderá mais estudar; entretanto a Justiça deve ser eterna, deve penetrar em todos os escondrijos, sondar todos os tempos. Demais, a historia só pôde ocupar-se dos factos geraes, dos assumptos grandiosos, das pessoas celebres, dos grandes, enfim ; entretanto, os pequenos são os que mais precisão de confiança na Justiça.

A quem, pois, entregaes a balança da justica? »

Diz a Scienzia: « Consciencia, reconheço que a Justiça deve ser infallivel, imutavel e eterna; que deve tudo ver, examinar tudo; sondar todos os tempos e lugares; penetrar em todos os arcanos; reconheço mais, que a confiança na Justiça é necessaria e imprescindivel para manutenção da ordem, garantia dos pequenos, conforto dos fracos, e repres-
são dos poderosos ; mas não sei se esta Justiça existe, se ha um Juizo Supremo. »

A Consciencia: « O não saberes revela apenas tua fraqueza ; entretanto, és muito vaidosa, julgas-te assaz poderosa sómente por teres descoberto as leis dos phenomenos; e só o conseguiste depois de trabalhos inauditos ! Mesmo assim, factos encontraste, que, não obstante todas as tuas indagações, observações e experiencias, escaparam comple-
tamente a teu domínio; dizei-me : não foste obrigada a recorrer à principios mais ou menos provaveis, à hypotheses mais ou menos gratuitas, para explicares grande numero de factos e phenomenos observados? »

« Sim; por muitas vezes, fui forçada a recorrer a hypotheses. »

« Como vês, ten poder teve limite, mesmo no campo da

observação; entretanto, foste além quizeste também crear; conseguiste alguma causa?»

«Nada.»

«Onde está, pois, o teu immenso poder? Onde tua extrema sabedoria? Sabes, porventura, explicar por que motivo compõendo-se a semente e o ovo das mesmas substâncias, uma se transforma em arbusto, ao passo que o outro gera um ente que caminha e vê? Sendo todos os animaes compostos das mesmas substâncias, porque talvez alguns vivem, crescem, caminham e sentem apenas, ao passo que outros vivem, crescem, sentem, caminham, fallam, pensam, raciocinam, escrevem, etc.? Responde: já descobriste o principio vital? Sabes o que seja o calor, a luz, a electricidade, o magnetismo, a affinidade, a attracção universal, e tantos outros pheno-menos que permanecem sem explicação?»

Não obstante, tu, a quem a mais simples flor, o mais insignificante insecto, apresentam immensos problemas insolueis, quizeste descobrir a origem do universo, andaste de hypothese em hypothese, de suposição em suposição, até que admittiste uma nebulosa primitiva, posta em movimento; mas, te era ainda preciso provar a origem desta nebulosa e deste movimento, nada conseguiste. E's tão vaidosa, que ousaste ir além; quizeste até descobrir este Alguem desconhecido, creador do Universo e autor das leis supremas!

Quanto és louca! Não vês, que o Ser Omnipotente é invisivel? Tua arma é a observação; ficaste, portanto, desarmada, e lançaste mão de teu ultimo recurso — a hypothese; suposeste, a principio o acaso, depois, atribuiste à farça, a criação do que ves; mas reconheceste, que as farças são cegas e sem intelligencia, que o acaso é apenas uma palavra para expressar — a imprevidencia, a falta de lei, e de ordem; entretanto, ao contrario disto, em tuas investigações, encontraste leis eternas e immutaveis, por toda parte a ordem, a harmonia, extrema previdencia, em todo facto sua razão logica, em todo orgão sua função, em todo ente sua razão de ser!»

Como, pois, explicar a origem do universo? Quem será o autor de tanta beleza e magnificencia? Quem terá criado tanta luz e tanto explorador?»

A Scienzia: «Sem duvida, uma Intelligencia superior, e eu curvo-me humilhada perante tanta sabedoria.»

Ao dizer isto, todas as nymphas e deidades se prostraram e a Scienzia de joelhos ergueu este hymno:

« Senhor Deus Sabbathah, tres vezes santo,
Immenso é o teu poder, tua força immensa,
Teus prodigios sem conta, — e os céos e a terra
Teu ser e nome e gloria preconizam. »

(G. DIAS).

Ao som melodioso d'este canto celeste accordei.
É escusado dizer que o protagonista d'este sonho, é o humilde autor destas linhas; sim, é elle, a creança loura que abandonou as caricias maternas para correr atraç d'esta borboleta encantada — o futuro, e precipitou-se no abysmo — realidade, onde, de decepcão em decepcão, por muitas vezes, sentio-se desfalecer e vio vacillarem todos os seus principios; mas, que hoje, felizmente, sente-se satisfeito porque crê em Deus e termina dizendo:

Venho das illusões da infancia, vou para as illusões ethereas, e, como o poeta, canto:

« Oh! como é grande o Senhor Deus que rege
A machina estrellada;
Que ao triste dá prazer, descanso e vida
A mente atribulada. »

(G. DIAS).

Outubro de 1878.

J. FAUSTINO DA SILVA.

Cavaco philosophico-litterario

Ao ler-se a epigraphe do presente artigo não se presuma que temos em vista abrigar-nos à sombra da bandeira de uma das duas escolas philosophicas hoje mais geralmente seguidas, para d'ahi anathematizarmos a outra; não se presuma que nos passa pela mente a idéa de traser à tela da discussão principios de ordem elevada em prol desta ou daquelle escola, não se presuma, finalmente, que vimos à imprensa com o firme proposito de fazer a confissão de nossas crenças—de entregal-as ao domínio da publicidade.

Não! Nada disto nos anima. Caminhamos ao acaso, como o judeu da lenda, parando onde melhor nos convem. Não fazemos selecção de escola—somos positivista e somos metaphysico, e no que diz respeito à estheticá, seguimos a

opinião de Kant: achamos que nas artes como na poesia ha dous generos de beleza, um que se pôde referir ao tempo e a esta vida, e outro ao eterno e ao infinito.

Mas, perguntar-se-ha, como se comprehende isto? Como se pôde conciliar assim idéas de origens tão oppostas, idéias que se repelhem? Pois não é isto um contrasenso?

Talvez. Porém maior contrasenso é, sem duvida alguma, proclamarmos a excellencia de uma escola, confessarmos sectario extremado della e depois seguirmos os principios da escola antagonica.

E, pois, para não cahirmos em tamanha contradicção, que nos declararmos filiado ás duas escolas, embora se ponha em duvida a firmesa de nossas idéas. Embora!

Dito isto, vejamos se em vista dos factos, temos ou não razão para assim proceder.

Para isto, tomaremos os positivistas e, segundo o modo porque elles têm se manifestado, quer na tribuna, quer na imprensa, quer na cadeira do magisterio, quer mesmo nos actos da vida particular, os dividiremos em tres grupos. No primeiro contemplaremos somente os obreiros da scienzia, aquelles que, indiferentes ao que se passa fóra do universo, só se entregam à indagação da verdade scientifica, ao descobrimento das leis que o regem. Estes, incontestavelmente, são os mais utiles á humanidade. A' elles—o nosso respeito, a nossa veneração. A' elles—ao mathematico, ao physico, ao chimico, ao naturalista, ao sociologista, em summa — aos paladinos da scienzia, por que adstrictos à idéa do *real*, são de facto positivistas.

Para estes, e tão somente para estes, a metaphysica pode ser simplesmente a sciencia das chimeras; mas nem por isso se devem julgar isemptos da sua influencia.

Passemos ao segundo grupo:

Compõe-se daquelle que curando tambem dos estudos positivos, se apresentam de vez em quando nos arraiaes da metaphysica. E' á estes que mais directamente nos dirigimos. Corações mais sensíveis, menos refractarios á idéa do Bello, menos impermeaveis á poesia, na phrase expressiva de um nosso collega de redacção, enlevam-se facilmente ante a risonha perspectiva de uma paisagém, extasiam-se ante os traços de uma beleza physica ou de uma obra d'arte, e transportam-se, insensivelmente, ao mundo da lúa se ouvem um trecho de Meyerbeer ou de Offenbach, de Verdi ou de Lecocq, de Carlos Gomes ou de Mesquita. Rolam assim,

suavemente, das altas regiões do positivismo para o *abyssmo insondável* da metaphysica.

Eis os ahí, no turbilhão das chimeras, de penha em punho e, com um certo vigor, um certo colorido, uma certa elevação de pensamento, só peculiares áquelles que sabem compreender o que ha de nobre, elevado e tocante na apreciação do Bello, eis-os, distiamos, exprimindo as suas impressões no mais puro *idealismo*.

Com algumas restrições, pertencemos a este grupo: A instabilidade de idéas é o seu característico, é, portanto, o seu ponto fraco.

Mas diremos com Ch. Nodier: Se o homem não houvesse nascido poeta, a humanidade não teria adquirido um certo grao de perfeição.

Consideremos, finalmente, o terceiro grupo. E' o menos importante, porém o que mais concorre para o desvirtuamento da escola positivista.

Composta ordinariamente de individuos alheios as mais elementares noções de qualquer ramo de sciencia, são, entretanto, os que, mais bramão contra a metaphysica! Tornam-se não só intolerantes, mas ainda intolleraveis.

A' menor objecção que se lhes apresenta, fogem, sem combatel-a, dizendo apenas: *sou positivista!*

Fazem desta phrase, que é a senha luminosa da sciencia, o passaporte da ignorancia. Se lhes perguntardes o que entendem por *espírito positivo*, quaes os principios em que se funda a escola positivista, terais em resposta um disparate com o sorriso da imbecilidade.

E' que elles não comprehendem o grande alcance desta escola que immortalisou o nome de A. Comte, esse vulto venerando, que, a pezar de uma injusta prevenção, já começa a ser considerado como uma das glórias da humanidade.

Não cabe aqui, nem nos julgamos habilitado a fazer um estudo comparativo das duas escolas de que se trata.

A' nosso vêr, ambas tem sua razão de ser, e talvez que não seja tão facil, como se pretende, estabelecer a supremacia de uma sobre a outra. Se por um lado, no estudo analytico dos factos que se operam ao alcance dos nossos sentidos, a supremacia cabe ao positivismo, por outro—e mormente em assumtos litterarios—a metaphysica não pode ser posta à margem.

Ella tem sido, e ha de ser ainda por muito tempo, senão eternamente, a sciencia que melhor se ocupa das faculdades

do entendimento humano e de tudo o que não se revela aos nossos sentidos.

O modo symbolico por que a representão, nos diz que ella jamais deve descer à observações e somente se ocupar de contemplações elevadas.

E' proprio do symbolo das chimeras, dir-se-ha ! Pois que seja ; mas, perguntaremos nós : o que é a vida humana senão uma serie indefinida de chimeras ?

M. VALLADÃO.

(Continua.)
(Continua.)



Philosophia do Beijo

(IMITAÇÃO)

Que vão citar-lhe agora os sabios desta edade,
Galileu, Newton, Gall, Lavoisier, Laplace,
Bichat, Augusto Comte... elle diz Lovelace !
— Um beijo e nada mais; o beijo é a eternidade.

GERERINO DOS SANTOS.

Um beijo e nada mais — à um beijo dado a geito,
Da virgem mais gentil, na pudibunda face,
Qual nuvem vaporosa, a lei fatal desfaz-se
E deixa palpitar o absoluto peito.

Si Augusto Comte, o sabio (a quem rendemos preito)
Uns labios de coral aos labios seus chegasse,
Teria dito então : — és grande Lovelace!
Jamais se contemplou um crâneo tão perfeito. —

Cantemos, pois, o beijo — a grande lei do Mundo
Que vai da superfície ao pelago profundo,
Ao poderio enorme avassalando tudo.

São todos contra nós ? a inveja se rebella ?
A sorte nos feriu ? Qu'importa, virgem bella ?
— Um beijo e nada mais — E' o portentoso escudo !

1878.

RODOLPHO PAIXÃO.

Chronica

Manda a gratidão que consagremos as primeiras linhas desta chronica ao illustrado brasileiro que de Pariz projecta sobre o rodapé do *Jornal do Commercio* os raios luminosos de seu brilhante talento.

Em folhetim datado de 7 de Novembro findo, e publicado no *Jornal* de 2 de Dezembro, o illustrado escriptor depois de fallar do *can-can* do Mabille, das *cocottes* e dos *boulevards*; depois de dizer-nos que a mania das viagens apoderou-se «até de muito negro Mina que nos seria mais util n'uma fazenda» occupa-se do encerramento da Exposição, e à proposito da loteria introduzida pelo governo francez no *Palacio da Industria*, atira-nos um pedacinho que não possue nem a urbanidade do romano, nem a *raillerie* do pariziense, nem o atticismo do grego.

«Eu por mim (diz o illustrado folhetinista) só tenho um pezar : é que os jovens redactores de certa revistinha obscura que abi se publica não tirasse um bilhete. Estou persuadido de que ganhariam o *bonnet d'âne* que ali vi. E' um lote que lhes cabe de direito.»

Ora, não sabemos se chame a isto mania do saber, deslumbramento da validade ou myopia da intelligencia. O illustrado folhetinista pelo facto de se achar em Pariz julga-se já um luzeiro ; persuade-se de que seus escriptos primam pela elegancia e pureza do estylo, e não pode tolerar que um dos redactores da nossa obscura *Revista* (o que escreveu a chronica do mes de Agosto ultimo) alludindo às impressões que experimentara o Sr. Joaquim Serra, ao ler o folhetim em que Oscar d'Alva dá-lhe o diploma de Th. Gauthier, dissesse : «A mesma exclamação fez o Sr. conselheiro Silveira Martins, quando soube que tinha sido escolhido membro do Congresso Litterario permanente, por indicação de um tal senhor que vê, ouve e conta, insultando Rousseau e a syntaxe.»

Viu nisto uma grande offensa à sua individualidade, e longe de contestar-nos de modo que se coadunasse com a sua reputação de escriptor—atira-nos o insulto. Obrigado !

Felizmente estamos no Brasil, longe do *Palacio da Industria*: não nos assalta o receio de tirar o *bonnet* que tanto ferira a sua attenção e que talvez, por um capricho da sorte, seja ainda o premio que lhe caiba.

Se a nossa *Revista* é obscura (e não o contestamos) para S. S., em compensação, o seu XCV folhetim não passa de uma cataplasma de « sardinhas e batatas, chales e sapatos, bengalias e rosarios »; e se não fôra a lembrança de que já nos tem dado outros melhores, lhe aconselhariam que em vez de Ouvir, Ver e Contar — Ouvisse, Visse e Galasse. Pelo começo d'aquelle folhetim, vimos que elle fôra escrito em tempo chuvoso, humido, frio e desapiedado, em que se andava nos *bonds* a tiritar de frio; e d'ahi concluimos que a intelligencia humana tambem se resente do abaixamento da temperatura e que a do nosso obsequioso escriptor se achava n'aquelle dia alguns grãos abaixo de zero. Portanto — lhe perdoamos.

Até aqui fallou o redactor da *obscura revistinha*. Agora falla o compatriota, que o felicita, pela maneira digna com que contestou nas columnas do *National* as invectivas do Sr. Victor Humbert, acerca do Rio de Janeiro. Assim praticando, o illustre escriptor prestou um valioso serviço a seu paiz, e tornou-se credor da gratidão dos bons brasileiros. O seu á seu dono.

Está já entre nós o França Junior, o flagello dos moradores do *Sacco do Alferez* e *Pedregulho*, das visitas amolladoras etc., etc. Traz de menos dous dedos de nariz, que, segundo declara, fora obrigado a deixar no palacio do Trocadero, para satisfazer a curiosidade dos visitantes da Exposiçao, que não se fartavam de admirar aquele bello specimen da batata de nosso paiz.

Ísto, porem, não o privou de fazer uma provisão de pilherias e calembourgs, com que em breve ha de regalar os leitores da *Gazeta de Notícias*. Que venha, e aceite as nossas saudações.

O *Cruzeiro* tem nos dado ultimamente alguns folhetins bem interessantes, d'entre os quaes destacaremos um de Pinheiro Chagas, tendo por titulo a *Primeira Missa no Brazil*. Este veio, sem duvida alguma, pungir o coração de Victor Meirelles, o pintor da tela que representava aquella primeira aurora da nossa civilisação, e que, segundo dizem, servira de *menu* ás ratazanas d'Alfandega.

E digam lá que no Brasil não florescem as arti... manhas eleitoraes !

A *Revista Ilustrada* duellou-se á... lapis com o *Besouro*.

Por alguns dias andamos a fazar o nariz e a torcer o corpo, porque em lugar da critica espirituosa e delicada que até então se encontrava naquelles dois semanarios, apareceu um sortimento de tamancos, ferraduras e latrinas, que era uma vergonha.

Bordallo Pinheiro sahiu-se como não esperavamos: armou o *Besouro de chicote* e chicoteou a... sua dignidade de homem e os seus creditos de artista.

Fez mal.

Esbaforido pelo calor, fomos no dia 8 deste mez dar com o nosso bento corpo lá para as bandas de Icarahy. Celebrava-se n'aquelle dia a festa de N. S. da Conceição, em sua capellinha em Nictheroy. Depois de havermos atacado um succolento jantar, fomos, à pedido de muitas familias(1), ver a procissão.

Uf ! que esfrega, leitor, que esfrega! Atravessamos nuvens de pó, magoamos os nossos callinhos; e quando o sol já ia descambando por traz das montanhas que fecham a linha do horizonte, chegamos ao termo de nossa romagem. Estávamos alagado de suor. Do adro da igreja, onde nos assentamos, vimos um reboliço como não se imagina. Os bondinhos, puchados por um triste e unico burro, regurgitavam de passageiros, a 200 réis por cabeça. Um bando de moças feias, e cada qual mais pretenciosa, invadia a já repleta igreja, onde um sininho fanhoso parecia disposto a moer a mais callejada paciencia humana.

Neste interim, dous individuos, um dos quaes sobraccando um valente sobretudo, collocam-se ao nosso lado e começam a exhibir os seus conhecimentos musicaes. « De todas as averturas que tenho visto, dizia um delles, a melhor é os Tres Capitães.

Qual! retorquia o outro; «arrepõe bem que o Nabuchodonosor é coisa muito superior. Aquilo é que é uma obra divina. » Estava a discussão neste ponto, quando sentimos uma sede devoradora: penetrarmos na igreja e armado de uma caneca que jazia no fundo de uma talha secca, investimos sobre a primeira vasilha d'agua que encontramos.

(1) Chapa dos empresarios de theatros.

Deste dia para cá temos sentido um bem estar espiritual e corporal, que não podemos attribuir se não ao milagroso efeito d'água benta.

Não parou ahi a nossa correria festival. Voltando à corte e accedendo ao convite de pessoas de nossa estima, fomos, dias depois, assistir a distribuição de premios aos alunos de um dos collegios desta cidade. A hora marcada lá nos achavamos, mais fino do que um empregado do ministerio da marinha no tempo do Sr. Andrade Pinto, de saudosa memoria. Luzes, bandeiras, moças e flores — isto havia em profusão. N'um enxame de creanças que se acotovellavam, soltando gritos de alegria e trazendo os bedéis n'um perfeito sarilho, vimos os homens de amanhã — os factores da nossa futura grandeza. Terminada a distribuição dos premios, seguida de discursos mais ou menos amolladores, começou a parte dansante; porem o chronista, que é um pouco acanhado, limitou-se a bocejar, olhar para o tecto e a ver se descobria assumpto para esta chronicá. Forneceu-lh'o o Sr. Thompson. Dispense-nos o leitor o retrato deste *typo*, e considerem o tal qual se nos revelou n'aquelle noite de glorioso jejum. Com o sorriso sempre nos labios, discursando sobre o mais futile pretexto e acudindo ao menor aceno, o Sr. Thompson era uma especie de *passepartout* n'aquelle festa. Para darmos uma ideia do seu bombastico estylo, ahi vae um pedacinho: « Minha Senhora! O olhar de V. Exa. deslumbra a nitente estrella que coroa a granitea cupula d'aquelle monte, e a sua influencia é tal que, fitando-a, sinto-me completamente extatico. » Meu!

Conforme se achava marcado, effectuou-se no dia 15 do corrente a abertura das Camaras, isto é, de mais uma formidavel brecha em o nosso já tão esburacado orçamento.

A fala do throno, que esperavamo ser uma especie de Annunciação do anjo S. Gabriel, só differe da dos annos anteriores em duas cousas: pelo tom *Gasparinho* em que se acha concebida e pelo facto de alludir a necessidade de uma Constituinte que authorise a escamotagem *directa*. Quanto ao mais... occupa-se da secca do Norte, da anemia do Thesouro, do nascimento de mais um principe, em summa — de cousas mais velhas do que as da secção

archeologica do Museu Nacional e que actualmente figuram na Exposição Industrial Fluminense, como prova do nosso progresso industrial!

Não lhe faltou nem mesmo o sacramental apello ao Altissimo, o que mostra haver ella sido proferida por um fiel christão que nada espera dos esforços dos senhores vitalicios e temporarios em prol deste malfadado paiz. Ria-se, Sr. Zé Bento, ria-se! Aquelles que hontem chacoteavam das suas crenças religiosas, que o expunham á irrisão da populaçā, que o mandavam largar a pasta, acabam de invocar tambem a Divina Providencia, e talvez que em breve os vejamos contrictos a fazer preces!

As commissões de inquerito da camara dos Srs. deputados (em uma das quaes figura o Sr. Pompeusinho, tão creança e já tão bandalho) vão botando no olho da rua todos os que tiveram a audacia de se apresentar naquelle recinto da filhotagem sem terem sido previamente encommendados.

Obedientes inquisidores do resto da independencia deste povo—eu vos saudo! Desinteressado Fagundes, que apenas experimentaste a flacidez daquellas poltronas—eu vos lastimo! E no entanto cedias o teu subsídio em beneficio da instruçāo publica! Fazias mais de due os Segismundos que lá ficaram e que afinal de contas hão de comer o subsidio, sem nada fazer pela espuria Goyaz.

As questões de plagio estão na ordem do dia. Não ha muito que dois jornalistas franceses—Jorge Duval, redactor do *Evenement*, e Julio Jony, collaborador do *Tintamarre*, bateram-se em duello, por haver o primeiro publicado como producção sua um romance de Balzac, e ter o segundo desmascarado-o em um artigo humoristico que foi reproduzido por quasi todos os jornaes de Pariz.

Agora é o Sr. Teixeira Mendes, que empunhando a these sustentada pelo Sr. Dr. Ezequiel dos Santos, perante a congregacāo da Escola Polytechnica, da qual é hoje lente, salta para o meio da rua e grita: *collou!*

Não podemos acompanhar os dois illustrados contendores pela sua estirada digressão astronomicā. Surpreende-nos, porém, o facto de ter o Sr. Dr. Ezequiel dado ao verbo *retrancher* a significação de *cortar*, referindo-se á diferença entre duas quantidades.

A' um bacharel em direito, sem noções da sciencia mathe-

matica, tolerar-se-hia traduzir, por exemplo, a phrase sommet de l'angle por « apice do angulo » ; porém à um doutor nessa sciencia, e leitor de astronomia, que necessariamente deve ter estudado desde a mais simples operação de arithmetica até o mais complicado problema da mechanica celeste, não se tolera de modo algum dar ao verbo retrancher uma tal significação, no sentido de que se trata.

Mais cuidado, senhor doutor! Mais cuidado!

Occupemo-nos agora dos de casa : A sociedade *Phenix Litteraria*, composta de excellentes moços, vai, apesar da ingratidão dos assignantes da Revista, levando uma vida menos má. Celebrou com regularidade, durante o anno, as sessões marcadas nos seus estatutos, e nellas foram discutidas varias theses e apresentados diversos trabalhos dos socios.

Acaba de eleger, directamente e sem cabala, aquelles que devem dirigir os seus destinos; durante o 1º semestre do anno vindouro ; e para que o leitor os fique conhecendo, adiante daremos os seus nomes.

Agora terminaromos manifestando o pezar de que nos achamos possuidos, pela separação de tres distintos compaheiros que muito nos ajudaram e muito contribuiram para o brilho da nossa modesta sociedade. São elles—Urbano Duarte, Pedro Ivo e Dantas Barreto. Estes tres nomes acham-se tão intimamente ligados à vida da Sociedade *Phenix Litteraria* que jamais serão esquecidos.

Quando outros serviços não lhe houvessem prestado, bastaria o facto de termos apresentado esta Revista na arena da Imprensa, para merecerem o nosso reconhecimento.

A' elles, pois, as nossas saudades, e ao leitor um adeusinhoso e bôas festas.

M. V.

DIRECTORIA ELEITA PARA SERVIR NO 1º SEMESTRE DO ANNO DE 1870

Presidente. — José Faustino da Silva (reeleito).

Vice-Presidente. — Rodolpho Gustavo da Paixão.

Orador. — Lauro Nina Sodré e Silva.

1º Secretario. — Tito Augusto Porto Carrero.

2º Dito. — Mauricio Antonio de Lemos Junior.

Thesoureiro. — Luiz Barbudo.

Bibliotecario. — José da Silva e Oliveira (reeleito).

Bibliotecario.

Procurador. — Philippe Schmith.

COMISSÃO DE REDAÇÃO DA « REVISTA »

Licinio Athanasio Cardoso.

Antonio Antão Silverio (reeleito).

Manoel P. de Oliveira Valladão (reeleito).

Tito Antonio da Franca Amaral.

Innocencio Serzedello Corrêa.

Rodolpho Cardoso Pão Brasil (adjunto).

EXPEDIENTE

Recebemos durante o mês os seguintes jornaes: do Amazonas — *Echo Militar*; do Pará: *O Puraque e a Constituição*; do Maranhão: *A Escola e Commercio de Caxias*; do Piauhy: *O Semanario*; do Ceará: *Pedro II*; do Rio Grande do Norte: *Correio do Natal e o Liberal*; da Paraíba: *A Opinião Liberal*; de Pernambuco: *Diário de Pernambuco*; das Alagoas: *Estrela, Jornal do Penedo e Paulo Afonso* (cidade do Pão de Açucar); de Sergipe: *Echo Liberal e Cansanção*; da Bahia: *O Progresso*; do Espírito-Santo: *Gazeta da Victoria, Idéa e Espírito-Santense*; da Corte e Província do Rio de Janeiro: *Photographo, Mequetrefe, Revista Illustrada, Revista Militar, Diário de Campos, Monitor Campista e Jornal da Tarde* (Campos); do Paraná: *Desenove de Dezembro, Paranaense e Gaucho*; de S. Paulo: *Gazeta de Campinas, Gazeta de Lorena e Tribuna de S. Carlos* (S. Carlos do Pinhal); de Minas Geraes: *Baependyano, Colombo e Mozaico Ouro-Pretano*; de S. Catharina: *O Conservador e o Despertador*; do Rio Grande do Sul: *O Caixeiro* (Porto Alegre) *Progresso Litterario* (Pelotas) *Alvorada e Violeta* (Rio Grande) *Revista Gabrieliense* (S. Gabriel), *Grinalda, Echo da Fronteira e Livramento* (Sant'Anna do Livramento); *Cruzeiro do Sul* (Bagé) *Santa Cruz* (Uruguayana); de Matto Grosso: *O Iniciador* (Corumbá), *Porrir e Situação* (Cuyabá). A todos os nossos agradecimentos e votos de prosperidades.